

Memórias da SNNC

Antônio Carlos Sobral Sousa

Universidade Federal de Sergipe, Sergipe – Brasil; Ex-Presidente da Sociedade Norte-Nordeste de Cardiologia (1996)

É-me grata e honrosa a incumbência outorgada pelo ilustre conterrâneo, Prof. Gilson Feitosa, para relatar acontecimentos da nossa Sociedade Norte-Nordeste de Cardiologia (SNNC).

É sabido que as sociedades estão sempre em mutação, e que o entendimento dos seres humanos varia de acordo com o tempo e a cultura. Consta-se que, enquanto o prestígio da Medicina tem aumentado, crescem também as críticas da sociedade aos médicos. A pureza da prática médica vem sendo progressivamente enodada por denúncias de atos repugnáveis, a exemplo da existência de “máfias” de órteses e próteses, envolvendo, também, cardiologistas.

Os médicos têm feito pouco (ou nada) em relação à estrutura dos serviços de saúde. Em consequência, parte expressiva dessa categoria é assalariada e, por conseguinte, poucos têm condições de se atualizar, participando de cursos, seminários e congressos.

Ademais, a qualidade do atendimento é comprometida com elevado número de consultas mediante convênios, que pouco remuneram. Desse modo, a essência da nossa profissão, que deveria ganhar apenas pelo ato de cuidar, muitas vezes é violada pelo valor financeiro do material consumido durante esse cuidado.

Urge que as associações e entidades da classe se mobilizem para enfrentar esse grande desafio, pois a história nos mostra que as conquistas são feitas através de muita luta.

Iniciei minha participação na SNNC em 1988, por ocasião da realização do seu sétimo congresso, na cidade de Fortaleza-CE, quando passei a conviver com profissionais íntegros, os quais, ao seu modo, contribuíram muito para o desenvolvimento da Cardiologia da nossa região, influenciando na formação de vários cardiologistas, entre os quais eu me incluo.

Gostaria de relatar sobre o processo de escolha do local de realização dos congressos da SNNC. Naquela época, nem todas as capitais das Regiões Norte e Nordeste haviam sido contempladas com a realização do conclave, e a decisão do futuro local era feita, por votação, muitas vezes disputadas, na assembléia ordinária realizada durante o congresso do ano anterior. No evento de Fortaleza, impressionou-me a habilidade política do Prof. Ênio Cantareli (PE), que conseguiu levar a Recife o congresso do ano seguinte, quando existia, entre representantes de vários Estados, inclusive os do Ceará, desejo de apoiar a candidatura de Aracaju. No ano seguinte, na “Capital do Frevo”, contando com o apoio de colegas da maioria dos Estados, aí compreendidos os pernambucanos, conseguimos, finalmente, trazer o nosso congresso a Aracaju, tendo como presidente o caro colega, pioneiro do transplante cardíaco no Nordeste, Prof. José Teles de Mendonça (SE).

Na assembléia da SNNC em Aracaju, travou-se, uma vez mais, acirrada disputa pelo próximo local do evento. Felizmente, o Dr. Marco Aurélio (PB) apresentou a ideia genial de utilizarmos a ordem alfabética dos nomes das capitais, até que todas as cidades fossem contempladas, quando, então o congresso retornaria a Maceió, primeira capital a sediá-lo, seguindo a sequência de realização dos eventos. A proposta foi prontamente aceita pelos participantes, caindo por terra, de uma vez por todas, aquela disputa desnecessária.